



AS IMAGENS DA REVISTA *NOVA ESCOLA* E A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DO PROFESSOR¹

BELOTI, Adriana, PG, UEM, dribeloti@gmail.com

INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento deste trabalho, propomos uma leitura, a partir da perspectiva discursiva, do quadro imagético que compõe as páginas do nosso *corpus* de análise, procurando estabelecer um diálogo entre as diversas teorias da imagem, por exemplo, Dubois (2000) e Barthes (1984), e alguns pressupostos teóricos e metodológicos propostos pela teoria da Análise de Discurso de linha francesa (AD), em especial os desenvolvidos por Michel Foucault. A constituição de identidades será discutida à luz de algumas noções propostas por sociólogos e historiadores como Stuart Hall (2000; 2005), Bauman (2001; 2005), Silva (2000) e Woodward (2000).

Pelo fato de considerarmos a mídia como espaço de produção e de circulação de efeitos de sentidos na sociedade, isto é, superfície de práticas discursivas, acreditamos ser impossível refletir sobre os processos identitários dos sujeitos sem concebê-la como um dos principais lugares de enunciação, onde se encenam e se constroem representações e identidades sociais e, então, um dos mais significativos mecanismos de subjetivação. Por isso, utilizamos como *corpus* de análise a Revista *Nova Escola*, publicação pedagógica que já se consolidou no mercado editorial brasileiro, na medida em que circula desde 1986 e alcançou tiragens expressivas, sendo um grande exemplo dessa mídia que colabora para a construção de identidades.

Essa consolidação da Revista *Nova Escola* se deve ao fato de ser vendida, segundo seus editores, a preço de custo, além de ser distribuída gratuitamente às escolas públicas, atingindo, aproximadamente, 700 mil exemplares por edição mensal, caracterizando-se como o periódico educacional ao qual os educadores da rede pública têm maior acesso, isso se não for o único. Portanto, podemos afirmar que essa mídia influencia diretamente a prática docente, imprimindo modos de ser e, conseqüentemente, construindo identidades

¹ Este trabalho foi desenvolvido a partir da Disciplina “Texto Imagético: Discurso, Representação e Identidade”, ministrada pela Profa. Dra. Ismara Tasso, e é parte da Dissertação de Mestrado intitulada “A Revista *Nova Escola* e a constituição de identidades do professor”, em pesquisa e desenvolvimento, desde 2009, no Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, na linha de pesquisa Estudos do Texto e do Discurso, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Navarro.



para o sujeito professor que, ao longo dos anos, sofre excessivas influências e modificações, devido a fatores sociais, históricos e culturais e às relações de saber e poder.

A Revista *Nova Escola*, numa relação de saber-poder a respeito de como devem ser as práticas pedagógicas, acaba por determinar o “verdadeiro” de uma época e desempenha papel fundamental na construção de coletividades, logo, contribui para a formação dos processos identitários, nesse caso, do professor. Dessa forma, a partir de um olhar discursivo sobre as imagens que compõem as páginas dessa Revista, questionamos: 1) como as imagens da Revista *Nova Escola*, a partir da posição sujeito assumida por esse veículo midiático, colaboram para a constituição de identidades do professor? 2) essas representações nos apontam para uma identidade descentrada, fragmentada, conforme propõe Hall (2005)? 3) por que e em quais condições (históricas, econômicas, sociais, políticas, culturais, etc.) aparecem “esses” enunciados e não outros?

Em síntese, buscamos analisar como a Revista *Nova Escola*, a partir de suas imagens, as quais emergiram no fotojornalismo e são consideradas como enunciados que revelam práticas sócio-discursivas, constrói identidades para o sujeito professor.

MODERNIDADE E MÍDIA: OS PROCESSOS DE REPRESENTAÇÃO E DE CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES

Ao analisarmos, do ponto de vista da Análise do Discurso, a constituição identitária na mídia, objetivamos efetuar uma análise discursiva, ao passo que tomamos a produção de identidades como um fato de discurso. O sujeito disperso é, também, uma produção de determinados discursos. Portanto, não buscamos apenas discutir se há ou não uma fragmentação de identidades, conforme propõem autores da linha dos Estudos Culturais. A fragmentação de identidades e a perda dos referenciais antes sólidos é um efeito de discurso de certas práticas. Em alguns discursos, conforme veremos, a respeito das práticas docentes, por exemplo, não há liberdade para que o sujeito professor assumira sua fragmentação, ao contrário, os discursos apresentam um efeito de sentido de identidade docente “pronta para ser consumida”. Além disso, nosso objetivo não é posicionarmos ou oferecer elementos para um posicionamento de nossos leitores sobre a “qualidade” da Revista *Nova Escola*, mas, discursivamente, abordarmos os enunciados sincréticos materializados por esse veículo da mídia e seus efeitos nos processos de subjetivação e constituição de identidades do professor.

A explicação para o nascimento da noção de identidade vem da necessidade de o Estado moderno se legitimar, pois, ao impor aos indivíduos que pertencessem a um determinado local, evocando a noção de “pertencimento”, o Estado acaba definindo,



classificando, segregando, separando e selecionando tradições, dialetos, leis e modos de vida locais, imprimindo, dessa forma, as chamadas “identidades nacionais”, as quais “representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares” (HALL, 2005, p. 76).

Porém, com o advento da globalização, os Estados não têm mais a necessidade de exigir a subordinação incondicional de seus indivíduos. O patriotismo, aos poucos, foi sendo substituído pelas forças de mercado e as identidades ganharam livre curso, cabendo a cada pessoa capturá-las, usando seus próprios recursos. “As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p. 19).

O sociólogo Bauman (2001) pondera que a modernidade refere à atualidade, e utiliza a metáfora da “fluidez” ou “liquidez” para referir e explicar “a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade” (p. 9), opondo a ela a metáfora do sólido, ou seja, aquilo que tem uma forma nítida, que se mantém com facilidade. Já o líquido/fluído – que aqui está relacionado à sociedade atual – não apresenta dimensões rígidas e é propenso a mudanças, constantemente. Portanto, a “modernidade líquida”, é voltada à fluidez das relações, na qual ocorre um processo de liquefação, de derretimento dos sólidos estabelecidos, no sentido de rompimento com o passado e a tradição.

Considerando que o mundo atual está na chamada “modernidade líquida”, sendo cada vez mais instantâneo e mutável, e que o sujeito age de acordo com esse momento, segundo essa perspectiva teórica, o sujeito é, também, um “sujeito líquido”, ou seja, não tem uma identidade fixa, mas se molda de acordo com os valores da “moda”, seguindo, na maioria das vezes, os ideais que a mídia retrata.

Além disso, segundo Laclau (1990 *apud* HALL, 2005, p. 17), as sociedades da modernidade tardia são marcadas pela “diferença”, pois “são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos”. Assim, consoante com Silva (2000), a identidade se faz em relação à diferença, ou seja, aquilo que sou e aquilo que não sou. A respeito do professor, podemos afirmar que uma de suas identidades, entre outras possíveis, é “sou professor”, em oposição àquilo que o outro é, por exemplo, “ele é médico”.

A mídia procura construir uma identidade “confortável” para o professor, imagens, muitas vezes, idealizadas, pois ela tem o poder de representar e de definir e determinar qual é a identidade. Vale ressaltar que representação, nesse contexto, de acordo com Silva (2000, p. 91), é concebida como um sistema de significação, uma forma de atribuição de



sentido, significa dizer “essa é a identidade”, “a identidade é isso” e, como tal, “é um sistema lingüístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder”.

Zygmunt Bauman (2005), ao ser questionado sobre os instrumentos e meios de se “jogar com as identidades”, criando “falsas identidades”, nos explica que só podemos considerar “falsas identidades” se pressupormos que exista uma única “identidade verdadeira”. “Essa pressuposição, entretanto, não parece verossímil para pessoas que vivem correndo atrás de modismos passageiros – sempre e apenas *modismos*, mas sempre obrigatórios enquanto estiverem na moda [...]” (p. 97). A partir dessa explicação a respeito das identidades, podemos afirmar, que a mídia e, nesse caso, a Revista *Nova Escola*, contribui bastante e de muitas maneiras para a construção de identidades do professor, afinal, está a todo o momento “ditando regras”, mostrando “bons exemplos” que devem ser seguidos para que o professor, em suas práticas docentes, alcance resultados “positivos”. “A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular [...]” (WOODWARD, 2000, p. 17).

Ainda sobre a noção de identidade, Hall (2005) distingue três concepções muito diferentes de identidade: 1) a identidade do sujeito do Iluminismo; 2) a identidade do sujeito sociológico; 3) a identidade do sujeito pós-moderno.

Para a primeira concepção, o indivíduo era totalmente centrado, único, tinha completo controle sobre si, sobre sua consciência, ação e razão. Com o passar dos tempos, já se considerando a “complexidade do mundo moderno”, temos o sujeito sociológico, isto é, a consideração das relações sociais, a consciência de que o núcleo interno do sujeito não era autônomo, mas se fazia na relação com os outros. Por fim, fazendo menção à modernidade, às questões de mutabilidade e fragmentação, há a terceira concepção de sujeito, o pós-moderno, aquele que não tem uma identidade fixa e permanente, mas cujas identidades são formadas e transformadas constantemente, são diferentes de acordo com os vários momentos.

Partindo dessas três concepções de sujeitos identitários teríamos, por analogia ao momento em que estamos, a predominância, senão exclusividade, do sujeito pós-moderno. Porém, quando pensamos no sujeito sociológico, nas características e noções em relação a esse sujeito, vemos que não há como separarmos e definirmos em categorias estanques cada concepção de sujeito identitário. Como exemplo, podemos citar a identidade do professor, que, segundo as ponderações dos autores acima, ora se caracteriza como sujeito sociológico, ora como sujeito pós-moderno, conforme os exemplos a serem analisados da Revista *Nova Escola*.

Diante dessas considerações sobre a modernidade e a identidade, concluímos que, para os sociólogos e historiadores, está havendo um descentramento do sujeito, ou seja,



está se perdendo o caráter tradicional, está acontecendo uma fragmentação, um enfraquecimento e liquefação desse sujeito. Esse fenômeno pode ser explicado devido à instabilidade do momento, à “modernidade líquida”, o que acarreta identidades plurais.

Silva (2000) e Hall (2000) concordam que a identidade e a diferença constituem-se em uma relação social e estão sujeitas a relações de poder, sendo, então, impostas e não apenas definidas, pois “são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva”. A identidade do professor é sustentada por valores de verdade que determinam práticas sociais e discursivas sobre o que é ser professor atualmente. Portanto, para compreendermos o processo de representação do professor é necessário considerarmos o fato de as identidades serem construídas dentro e não fora do discurso, concebendo-as como práticas discursivas produzidas em locais históricos e institucionais específicos, que emergem do interior de determinadas formações discursivas.

AD E IMAGEM FOTOGRÁFICA: A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DO PROFESSOR NA REVISTA NOVA ESCOLA

Conforme já afirmamos, concebemos a mídia como prática discursiva, que materializa sentidos em suas formas enunciativas e, conseqüentemente, discursos como práticas sócio-discursivas, historicamente determinadas. Assim, justificamos a importância desse diálogo que propomos entre as teorias da imagem e a AD para discutirmos sobre os processos de constituição de identidades para o professor, na medida em que há uma imensa circulação de sentidos produzidos nesse veículo midiático objeto de nossa pesquisa.

A concepção de discurso como prática sócio-discursiva torna-se fundante para os procedimentos teórico-metodológicos propostos por Michel Foucault. Em *A arqueologia do saber*, esse filósofo define o discurso como “conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2007, p. 122). Como expõe Foucault (2007), o enunciado não pode ser definido em relação à frase, à proposição ou aos atos de linguagem, ao contrário, deve ser pensado em sua singularidade, em sua emergência como acontecimento discursivo, cuja característica fundamental é o fato de ter “sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 2007, p. 110).

Conforme apresenta Gregolin (2008), na análise arqueológica de Foucault, o enunciado não é tomado como exclusivamente linguístico, mas, também, em sua natureza semiológica. Tanto é assim que o filósofo se dedica às análises de enunciados verbais e não verbais. Nesse sentido, Courtine (*apud* GREGOLIN, 2008, p. 29) pondera sobre a necessidade de “pensar o não-verbal em seu *funcionamento discursivo*, em sua *materialidade na História*”, o que exige, ainda, a superação das análises pelo viés estrutural.



Na entrevista concedida a Cleudemar Fernandes (2010), Courtine volta ao tema da semiologia e rediscute, a partir de Foucault, a natureza do enunciado e, assim, do discurso. Para o historiador, “o discurso não é um objeto linguístico” (p. 25).

Para Foucault, o discurso é um jogo estratégico e polêmico, inserido em séries discursivas, na dispersão e na descontinuidade histórica; é um espaço em que saber e poder se articulam. Em síntese, então, o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula a outras práticas, através dele é que se constituem e se articulam as relações de saber e poder de um certo momento histórico, além disso, os discursos estão inseridos em formações discursivas, em um sistema de dispersão e regularidades, ou seja, são controlados, selecionados, organizados e distribuídos por formações que determinam o que pode e deve ser dito em determinado momento histórico.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* ... (FOUCAULT, 2007, p. 43).

Quando pensamos, então, em como são as representações do professor na Revista *Nova Escola*, consideramos, por exemplo, que suas imagens revelam as várias formações discursivas possíveis de se fazerem presentes nesses enunciados, logo, podemos desvelar os diversos discursos e, assim, as posições-sujeito materializadas nesses documentos midiáticos tomados como monumentos.

A prática discursiva midiática já se legitimou na sociedade e, assim, está autorizada a produzir e a difundir culturas, enunciados postos como verdades, auto-construiu uma imagem confiável e exerce, através de seu discurso, um poder que produz determinados saberes, “efeitos de poder”, o poder “não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 1979, p. 8). Portanto, faz circular discursos que são autorizados devido aos mecanismos de saber e poder, já que as relações de poder se fazem presentes em todos os lugares e momentos da sociedade, sendo o poder, então, exercido.

No discurso midiático também há uma “ordem do discurso”, que determina quem e como se pode falar, sobre qual assunto, em que momento histórico-social. No nosso *corpus*, essa ordem exerce o poder de produzir saberes e efeitos de sentido sobre a prática docente, construindo identidades para o professor, já que suas práticas sócio-discursivas reúnem e materializam relações de saber e poder que dizem e determinam o que é “ser professor”, “como devem ser as práticas docentes”, “quais os exemplos a serem seguidos



para alcançar resultados ‘positivos’ em sala de aula”, logo, a identidade construída é: “sou professor e preciso de ‘bons’ exemplos para obter resultados ‘positivos’ na minha sala de aula”, “sou professor e preciso ‘ver’ esses bons exemplos para ‘acreditar’ que é possível obter bons resultados”, em síntese, “sou professor e preciso de dicas, de modelos e passos a serem seguidos”.

O professor está subjetivado em vários discursos, em práticas, valores e relações de saber-poder que constituem suas identidades. Está exposto aos efeitos de poder que ditam como deve ser sua prática docente. As imagens desse *corpus*, assumidas como enunciados e práticas sócio-discursivas, produzem esses efeitos e, então, constituem identidades para o sujeito professor. Para esta análise, precisamos especificar a que imagem nos referimos aqui, afinal, conforme Amount (1993), imagem, em sentido amplo, pode ser definida como qualquer “objeto produzido pelo homem, para transmitir, sob forma simbolizada, um discurso sobre o mundo real”.

Neste trabalho, as imagens a serem analisadas são as fotografias que compõem a Revista *Nova Escola*. Segundo Dubois (2000), “A foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra”. Para ele, a fotografia *não pode mentir*: “Existe uma espécie de consenso de princípio que pretende que o verdadeiro documento fotográfico ‘presta contas do mundo com fidelidade’” (p. 25).

Nessa obra – *O ato fotográfico e outros ensaios*, 2000 – Dubois traça um percurso histórico da fotografia, dividindo-o em três tempos. No primeiro momento, a fotografia é considerada como *espelho do real (o discurso da mimese)*, sendo a imitação mais perfeita do real. Nesse período, Baudelaire foi um dos difusores da idéia de que a fotografia não poderia, de modo algum, ser comparada à pintura, definindo-a como simples instrumento de uma memória documental do real, enquanto a arte é considerada como pura criação imaginária. André Bazin (*apud* Dubois, *Ibidem*, p. 32) também partilha do mesmo posicionamento: “a fotografia seria o resultado objetivo da neutralidade de um aparelho, enquanto a pintura seria o produto subjetivo da sensibilidade de um artista e de sua habilidade”.

O segundo período proposto por Dubois concebe a fotografia como *transformação do real (o discurso do código e da desconstrução)*, reagindo contra o ilusionismo do espelho fotográfico:

A partir de então, o valor de espelho, de documento exato, de semelhança infalível reconhecida para a fotografia é recolocado em questão. A fotografia deixa de aparecer como transparente, inocente e realista por essência. Não



é mais o veículo incontestável de uma *verdade empírica*. (DUBOIS, 2000, p. 42).

Por fim, no terceiro tempo, a fotografia é vista como *traço de um real* (o discurso do *índice e da referência*), devendo-se, portanto, “prosseguir à análise, ir além da simples denúncia do ‘efeito do real’: deve-se interrogar segundo outros termos a ontologia da imagem” (Ibidem, p. 26-27). A partir desse período, as teorias inscrevem-se em uma vertente pós-estruturalista.

Se pensarmos as imagens sob a perspectiva discursiva, podemos problematizar as noções de objetividade e neutralidade da fotografia propostas no primeiro momento. Embora tenham sido desconstruídas posteriormente, é válido lembrar o que Barthes (1984) enuncia sobre a “fotografia-segundo-o-fotógrafo”: “ele olha, limita, enquadra e coloca em perspectiva o que ele quer ‘captar’ (surpreender)” (p. 21). Assim, por mais real que seja, a fotografia representa aquilo que o fotógrafo escolhe fotografar. Nessa perspectiva discursiva, a produção fotográfica é mais um “gesto de leitura”, pois é feita de escolhas: “Essa fatalidade (não há foto sem *alguma coisa* ou *alguém*) leva a Fotografia para a imensa desordem dos objetos – de todos os objetos do mundo: por que escolher (fotografar) tal objeto, tal instante, em vez de tal outro?” (Ibidem, p. 16).

Além disso, a maneira de se abordar o realismo em fotos marca a volta ao referente, questão também discutida por Barthes (Ibidem), que defende que o referente está presente em qualquer fotografia e o define como “não a coisa *facultativamente* real a que remete uma imagem ou um signo, mas a coisa *necessariamente* real que foi colocada diante da objetiva, sem a qual não haveria fotografia” (p. 114-115).

A Revista *Nova Escola*, de acordo com sua linha editorial, mostra apenas experiências bem sucedidas. Por isso, suas reportagens e notícias, compostas por enunciados sincréticos, sempre divulgam projetos cujos resultados são “positivos” e, então, podem ser seguidos por professores de todo o país.

Na edição n. 184, de agosto de 2005, a matéria principal da Revista foi sobre a educação de jovens e adultos – “O que dá certo na escola para jovens e adultos”. As duas primeiras páginas da reportagem, no formato jornalístico chamado de “espelho”, apresentam fotos de jovens e adultos que participam da EJA, todos sorrindo e alegres, representando, dessa forma, a felicidade durante e após esse processo. Nas páginas seguintes, são mostradas fotografias dos estudantes e professores nas escolas para jovens e adultos, as quais representam o envolvimento dos mesmos e o aproveitamento das experiências de cada estudante na sala de aula, afinal, esse é o posicionamento apresentado e defendido na reportagem como uma prática bem sucedida e, portanto, a ser seguida. Vale observar, também, a colocação das fotografias: na capa e nas duas primeiras páginas da reportagem



são destaques, ocupam quase todo o espaço das páginas; nas páginas seguintes estão sempre no alto e, em dois casos, estão dispostas em páginas ímpares e no canto superior direito, espaços que no jornalismo são mais valorizados por serem considerados estratégicos para chamar a atenção do leitor, o que se comprova nesse caso de análise, explicitando a importância da imagem no contexto da reportagem.

A “Fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre *alguma coisa* que é representada)...” (BARTHES, 1984, p. 49), logo, a Revista usa-as, de forma satisfatória, como representação da realidade, construindo para o professor a identidade de que ele precisa de ajuda, precisa de exemplos “bons” para encaminhar sua prática docente e como o exemplo apresentado tem resultados “positivos”, como representam as fotografias, é esse caminho que o professor seguirá.

A Revista *Nova Escola* se coloca em uma posição-sujeito autorizada para determinar o que e como deve ser ensinado, silenciando outros enunciados e, também, desconsiderando os fatores histórico-sociais que podem influenciar no planejamento e na prática docente, dessa forma, considera que todos, independentemente da realidade, devem seguir os mesmos passos, assumindo uma posição-sujeito específica, controlada e organizada pelas formações discursivas materializadas nos discursos de suas páginas.

Assim, quando divulga os 10 vencedores do Prêmio Victor Civita (Revista *Nova Escola*, n. 206, out. 2007), esse veículo midiático ilustra a matéria com as fotografias dos professores vencedores, os quais, por terem vencido a competição justamente por apresentarem os melhores projetos (de acordo com a equipe desse Prêmio), estão sorrindo, felizes e, então, representando uma realidade “positiva”, satisfatória, que obteve “bons” resultados.

Como para Barthes (1984, p. 127) a “Fotografia não fala (forçosamente) *daquilo que não é mais*, mas apenas e com certeza *daquilo que foi*”, os leitores de *Nova Escola* não têm dúvidas de que aquelas experiências que foram escolhidas entre as 10 melhores do país podem trazer “bons” resultados para a sua sala de aula, pois, se deram certo em outros lugares, conforme informado na reportagem e significativamente representado nas fotografias, também darão certo em outras salas de aula, naquelas, cujos professores são leitores (e seguidores) e subjetivados pela Revista *Nova Escola*. A formação discursiva de que todos podem ter “bons” resultados em suas salas de aula a partir desses projetos vencedores é materializada, também, nas imagens – fotografias – que fazem parte da reportagem, as quais têm grande importância para a materialização da posição-sujeito assumida pela Revista.

Mais uma vez, essa Revista constrói para o professor a identidade daquele que precisa de um norte para encaminhar sua prática docente, como alguém que tem problemas



em sala de aula e com a ajuda de tal exemplo (de sucesso) poderá obter melhores resultados e, também, estar feliz, sorridente e satisfeito, proporcionando inclusive aos seus estudantes essa felicidade, conforme os professores e estudantes fotografados.

“Em um primeiro tempo, a Fotografia, para surpreender, fotografa o notável; mas logo, por uma inversão conhecida, ela decreta notável aquilo que ela fotografa. O ‘não importa o quê’ se torna então o ponto mais sofisticado do valor” (Ibidem, p. 57). Essa proposição de Barthes também nos possibilita discutirmos sobre a identidade que a Revista *Nova Escola* constrói para o professor, pois, em princípio, ela mostra em suas páginas fotografias que representam a realidade de sala de aula, que em um primeiro momento não teriam grande valor, porém, justamente por estarem ali, nas posições que estão, representando as experiências retratadas, se tornam o ponto mais importante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essas breves considerações, podemos concluir que cada enunciado imagético da Revista *Nova Escola* constrói determinada identidade para o professor, a qual se apresentou como uma regularidade nessa série enunciativa considerada, afinal, em todos os exemplos de nossa análise a identidade através da Revista foi de “um professor que precisa de auxílio”, “um professor que está na “modernidade líquida” e que, portanto, está nesse mundo fluido, inconstante e flexível”, contrastando, entretanto, com as categorias de sujeito propostas por Hall (2005), conforme já colocamos.

A Revista *Nova Escola* imprime uma identidade de professor que não condiz com a “modernidade líquida”, pois, os sujeitos e, conseqüentemente, sua identidade, devem ser, segundo esse viés teórico, também, fluidos, líquidos, porém, ao materializar enunciados que constroem a identidade definida acima, essa Revista determina tão fortemente as bases, os encaminhamentos, os “bons” exemplos de práticas docentes que o professor acaba sendo “anulado” e concebido independentemente de sua realidade, e a categoria de sujeito pós-moderno proposta por Hall (Ibidem) não é possível de se colocar para o professor “atual”.

Em síntese, a Revista *Nova Escola*, ao construir tais identidades para o professor, acaba por desconsiderar as especificidades e particularidades da realidade da prática docente, reduzindo-a a mais um estereótipo. Coloca-se, dessa forma, como um “manual de receitas bem sucedidas relacionadas à Educação”, assume uma posição-sujeito que está autorizada a entrar na “ordem desse discurso” e oferecer soluções aos possíveis problemas e dificuldades dos professores, como modelos “positivos” a serem seguidos. As imagens dessa Revista, além de contribuírem para a construção dessa identidade para o professor, também se colocam como um “operador de memória social no seio de nossa cultura”, isso



porque, “a memória social estaria inteiramente e naturalmente presente nos arquivos das mídias” (DAVALLON, 2007, p. 31; 23), comprovando, dessa forma, a importância do papel da imagem na contemporaneidade e na produção dos efeitos de sentido, tanto em práticas discursivas midiáticas, quanto não midiáticas.

REFERÊNCIAS

AMOUNT, J. **A imagem**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Campinas, SP: Papyrus, 1993. p. 77 – 134. – (Série Ofício de Arte e Forma).

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

_____. **Identidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. (org.). **Papel da memória**. Tradução José Horta Nunes. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 23 – 32.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução Marina Appenzeller. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p. 23 – 56. – (Série Ofício de Arte e Forma).

FERNANDES, C. A. Discurso, história e arqueologia: entrevista com Jean-Jacques Courtine. In: MILANEZ, N; GASPAR, N. R. (Orgs.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 17 – 30.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução e organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GREGOLIN, M. do R. J.-J. Courtine e as metamorfoses da análise do discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V; GRAGOLIN, M. do R. (Orgs.). **Análise do discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos, Claraluz, 2008. p. 21 – 36.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da. (Org.). Tradução Tomaz Tadeu da Silva. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103 – 133.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

REVISTA NOVA ESCOLA. São Paulo: Fundação Victor Civita, n. 184, ago. 2005.

_____. São Paulo: Fundação Victor Civita, n. 204, ago. 2007.



_____. São Paulo: Fundação Victor Civita, n. 206, out. 2007.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (Org.). Tradução Tomaz Tadeu da Silva. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73 – 102.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (Org.). Tradução Tomaz Tadeu da Silva. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7 – 72.